



# VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

## “Educação e Contemporaneidade” 19 a 21 de setembro de 2013

ISSN 1982-3657



### **ENSINO SUPERIOR, JUVENTUDE E MERCADO DE TRABALHO: UMA ANÁLISE A PARTIR DE RUBEM ALVES.**

Crislaine Santana Cruz[1]

Katiussia Costa da Silva Souza[2]

Eixo temático[3]

#### **Resumo**

Objetivamos neste trabalho fortalecer a discussão a respeito da educação superior como processo de formação humana, de acordo com ideias presentes na obra *A alegria de ensinar* (2000) do pensador brasileiro Rubem Alves. A pesquisa foi realizada por meio de leitura, fichamento e discussões acerca das análises que serão apresentadas. Obtêm-se como resultado da presente pesquisa a tomada de conhecimento do conceito filosófico definido pelo autor como: *controle de qualidade de pensamento*. Tal ideia segundo Rubem Alves (2000) consiste fundamentalmente em cortar as asas da imaginação a fim de que esta pense em função dos objetivos institucionais, esse mecanismo, há tempos percebido pelas grandes organizações é utilizado pelas instituições de excelência tecnológica, incluindo as universidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** FORMAÇÃO HUMANA, FORMAÇÃO PROFISSIONAL, EDUCAÇÃO SUPERIOR.

#### **SUMMARY**

This paper sets strengthen the discussion of higher education as a process of human development according to ideas in the book *A alegria de ensinar* (2000) Brazilian thinker Rubem Alves. The survey was conducted through reading, book report and discussions about the analysis that will be presented. Are obtained as a result of this research taking knowledge of philosophical concept defined by the author as: *quality control of thought*. This idea according to Rubem Alves (2000) is mainly to cut the wings of imagination to think that in terms of institutional objectives, this mechanism, long perceived by large organizations is used by institutions for technological excellence, including universities.

**KEYWORDS:** HUMAN TRAINING, TRAINING, HIGHER EDUCATION.

#### **Introdução**

A temática que envolve a relação entre ensino superior, juventude e mercado de trabalho, não representa nenhuma uma novidade nas discussões a respeito da função do ensino superior na sociedade, contudo, a recorrência ao tema é de fundamental relevância para que não caia num vazio ideológico o compromisso da universidade com o saber acumulado e transmitido aos jovens que nela são formados.

Nesse sentido a pesquisa, aqui apresentada, pretende contribuir para uma reflexão crítica no tocante ao

sistema de ensino superior contemporâneo e a formação nele estimada pelos jovens universitários, tendo por base o conceito de *controle de qualidade* do pensamento, criado pelo pensador brasileiro Rubem Alves. Esse conceito apresentado na obra *A alegria de ensinar* (2000) parte da ideia de que o indivíduo deve abandonar seus interesses pessoais, sua imaginação e liberdade em função dos interesses determinados pela instituição que o emprega. Segundo Rubem Alves, esse mecanismo há muito percebido pelo mercado de trabalho, está presente também nas universidades. Levando-se em consideração as ideias defendidas pelo autor, pretende-se responder a seguinte colocação: Qual a formação valorizada pelos jovens na universidade

Leopoldo e Silva (2006) referindo-se a função social que a universidade tem assumido contemporaneamente afirma existir todo um discurso de que o percurso histórico é que obrigou esta instituição a assumir um determinado perfil, visto como inevitável, natural e necessário. Para o autor tal argumento é contraditório, visto que concebe o processo histórico como casual e o surgimento de instituições e organizações que simplesmente são como são, aceitável. Neste sentido o autor ainda faz uma colocação:

Cabe perguntar se o eixo em torno do qual a universidade cultivou e manteve durante muito tempo, e desde as origens, seu equilíbrio instável, eixo de caráter ético, político, e mesmo lógico e cognitivo, não se define como estar sempre um pouco fora de seu tempo histórico, ao mesmo tempo enraizada nele, histórica e socialmente, mas também projetando-se para fora de seu tempo, no limite contradizendo-o, exatamente para desempenhar o seu mais importante papel, que certamente não é o de reiterar os interesses hegemônicos de seu tempo, engendrando as soluções conciliadoras por via de uma adaptação total, que, aliás, não deixaria de ser uma veneração do presente e uma venerável expectativa de futuro, mas sim o de criar as condições para que esses interesses e essa hegemonia sejam repensados como questões, e tornados temas relativos a um espaço político-institucional construído e mantido de acordo com um interesse fundamental: a liberdade da reflexão como critério ético da liberdade da ação conseqüente. (p. 201)

Rubem Alves (2000) considera que a universidade não é a primeira etapa do processo de homogeneização ao qual, estudantes brasileiros são submetidos, mas configura-se no cume deste ao formar profissionais. A fim de tentar contribuir para a discussão ora exposta, a pesquisa está baseada em leitura, fichamento e análise de ideias presentes na obra: *A alegria de ensinar* (2000) do pensador, neste trabalho o autor faz críticas ao sistema educacional brasileiro que desde a educação básica pretende formar seres úteis aos interesses econômicos da sociedade.

### **A ideia de educação na sociedade vigente**

Brito (2007, p. 4) esclarece que na perspectiva capitalista, a ideia vinculada na sociedade no geral sobre a educação, sobretudo a educação superior, é instrumental e mercadológica, essa ideia é divulgada pelos agentes do capital e aceita pela sociedade sem que haja muitos questionamentos. Isso gera e mantém uma visão simplista de ideia de universidade, valorizando-se somente o que se refere ao seu valor de uso, a produção e a formação que ela possibilita.

A educação, segundo Rubem Alves (2000, p. 55) tanto pode nos revelar nossas capacidades, quanto nos converter em um outro diferente de nós. Desde o ensino médio, encerra-se o jovem num processo de restrição da "visão de mundo" fazendo-o pensar na profissão antes descobrir a real importância da apropriação do saber. Quando esse jovem ingressa no ensino superior, e recebe uma orientação fundamentada em uma matriz profissionalizante de ensino, deixa de lado a formação mais abrangente, humanística, social, histórica... enfim a educação. A consequência desta formação, na visão do autor faz parte de um processo cruel e dispendioso para cada vida em particular e para o verdadeiro sentido da

educação.

Na visão desse pensador os especialistas formados pela universidade nada mais são do que ferramentas usáveis pela lógica do mercado, e esse é o perigo, pois a inteligência humana não pode ser tratada como ferramenta, isso seria amortecer a infinita capacidade criadora inerente a todo indivíduo.

Em seu livro, *A face oculta da escola*, Mariano Fernández Enguita (1989) analisa a conexão existente entre as relações sociais da educação e as relações sociais de produção capitalista. O autor esclarece que existem características importantes que a escola mantém em comum com o sistema social capitalista, como a obsessão pela ordem, autoridade, submissão, burocracia e impessoalidade. Esses e outros esses fatores contribuem para a formação da personalidade necessária ao trabalho assalariado.

Ainda segundo Enguita (1989, p. 189), é possível afirmar que uma das tarefas mais importantes da escola é a repressão do desejo, a todo tempo a criança e o jovem é obrigado a reprimir traços de caráter que não são aceitáveis pela escola.

### **A relevância do ensino superior para o jovem**

Lopoldo e Silva (2006, p. 199) faz alusão a um processo de desinstitucionalização da universidade, e afirma que esta ao tentar redefinir sua identidade não coincidentemente essa instituição tem se adaptado às exigências do mercado. Essa desinstitucionalização representa, portanto, o abandono do perfil institucional da universidade em função de sua adaptação a um perfil organizacional exigido pela lógica capitalista. Ainda nessa perspectiva, Nunes e Carvalho (2007, p. 7) reforçam que de certa maneira, não existem universidades no Brasil, todas não passam de escolas profissionalizantes.

A partir dessas colocações fica evidenciado o quanto a universidade contemporânea distanciou-se do seu ideal, o qual deveria segundo Rubem Alves (2000, p. 48-49) estar associado ao deleite na "visão de mundo" dos jovens, consagrando a universidade como uma instituição de orientação científica, humanista e de estudos clássicos, ao contrário o que se vê é a restrição da capacidade intelectual dos estudantes a conhecimentos puramente técnicos, como se este fosse o objetivo último do ensino superior.

Obviamente a universidade também tem o papel de formar profissionais capacitados para atuar no mercado de trabalho, porém fazer desta sua bandeira é limitar a disposição intelectual de seus alunos e podar sua liberdade de pensamento.

Para Rubem Alves (2000) transformar alunos numa grande massa homogênea é o que o sistema de educação brasileiro faz de melhor, pois desde pequenas as crianças são submetidas a currículos e programas massificadores predeterminados para que adquiram as habilidades exigidas pelo mercado e então tornem-se úteis a sociedade, pois esta não tolera a inutilidade. (ALVES, 2000, p.42).

Rubem Alves (2000, p. 55-56) chama a atenção para a responsabilidade da escola, desde a educação básica até o ensino superior, na seleção dos traços de caráter estimulados nas crianças que se tornam jovens e ingressam nas universidades. Em outras palavras, o autor defende que o desejo capitalista exacerbado nesses jovens, dá-se, em grande parte pela formação recebida nas instituições de ensino. Dessa forma, o ensino superior vem representando cada para o jovem um trampolim de ascensão social num espaço altamente que é o mercado de trabalho.

### **A universidade e o controle de pensamento**

Controle de qualidade tornou-se uma expressão comumente usada nas empresas capitalistas, e significa o estabelecimento de mecanismos que garantam que o resultado final do produto esteja o mais próximo possível do seu ideal, para que se garanta o mínimo de confiabilidade na qualidade uniforme do produto (ALVES, 2000, p. 50).

Rubem Alves (2000, p. 50-51) nos apresenta o conceito de: *controle de qualidade* do pensamento. Segundo o autor ao lado dos mecanismos de controle técnicos, as organizações capitalistas, perceberam, há muito tempo que é necessário controlar o pensamento do trabalhador, direcionando o uso de sua imaginação e criatividade, para os interesses estabelecidos pela organização, evitando-se a perda de tempo, que na sociedade vigente, significa perda de dinheiro. O autor destaca o influente papel da universidade no custeamento desse mecanismo, subordinando o saber produzido pelos jovens a lógicas puramente instrumentais e mercantis, perdendo seu princípio educativo.

O "*controle de qualidade* de pensamento" promovido pelas instituições de ensino superior seria, na sua essência, um processo de adestramento, a educação distancia-se da sua função elementar para converter-se simplesmente num instrumento a serviço da economia. Conforme Brito (2007) citando Veblen, 1918 apud Frigotto, 2003:

...os princípios mercadológicos vem contaminando as teorias, formalizando basicamente o conhecimento como meio de atingimento de fins econômicos. Altas somas são gastas em Pesquisa & Desenvolvimento na corrida acelerada pela inovação tecnológica que permite a certos grupos dominarem mercados no mundo todo e assim ampliarem seu capital e poder. Necessitando de operadores sempre mais qualificados para atuar com essas novas tecnologias aplicadas em equipamentos e programas que se obsoletizam rapidamente, a educação passa a ser vista como formação permanente de capital humano, reduzida ideologicamente, em grande parte, a mero insumo para o desenvolvimento econômico dos países. Perde-se a perspectiva da educação para a cidadania que, além da formação científica e tecnológica, preocupa-se com a formação humana em todas as suas dimensões. (p.1)

Adestrar mentes a favor da homogeneização exigida por grandes corporações econômicas contradiz a ideia de criação da universidade como espaço de produção de conhecimento e resistência a opressão capitalista.

O descompromisso de uma educação superior que não valoriza a formação humana torna-se ainda mais negligente quando sabe-se que no Brasil parte dos estudantes que ingressam nas instituições públicas vem de uma educação básica conteudista e extremamente pobre no que diz respeito a emancipação intelectual. Para esses jovens ingressar na universidade significaria uma nova, talvez única oportunidade, de se envolver com o conhecimento e despertar suas potencialidades como homens críticos e transformadores da realidade social em que vivem além de contemplar o desenvolvimento de técnicas e habilidades.

## **Conclusões**

O que se ambicionou enfatizar neste trabalho, é que o desejo consumista e a visão reducionista do saber hoje alimentados pelos jovens, no que se refere à educação superior, não surgiram espontaneamente em suas mentes, mas foram impostos por um sistema educacional subserviente aos interesses econômicos do estado, que vem mantendo-se integrado à vida organizacional capitalista em detrimento da vida educacional. Deve-se considerar que a ideia de conversão da universidade em espaço de formação unicamente profissional não é um fato inevitável, (já que é uma exigência do mercado) é antes um pensamento determinista que fortalece a ideologia mercadológica.

Como consequência da ênfase na formação profissionalizante por parte da universidade brasileira, formam-se cada vez mais profissionais passivos, por não se apropriarem das heranças históricas que explicam a conjuntura de nossa sociedade atual, além da aparência de progresso que está sustenta. Ao invés de formar sujeitos críticos e resistentes a essa estrutura, em que a desigualdade social se acentua cada vez mais.

Consideramos que universidade deve repensar sua função social e sua autêntica relação com a produção do conhecimento humanizador. Desse modo, apontamos obras como a "A Alegria de ensinar" (2000) como um contributo significativo nesta perspectiva, ao fazer-se lembrar o distanciamento da universidade contemporânea do seu verdadeiro papel, formando profissionais que não passam de ferramentas desprovidas de personalidade emancipada e criadora.

Pensar a universidade como a forma mais rápida possível de se alcançar uma profissão rendosa, na conjuntura de uma sociedade capitalista, parece a lógica mais convincente que os jovens encontraram para atribuir sentido ao seu investimento (humano e financeiro) no ensino superior. No entanto, não há dúvidas que estes valorizam sua formação enquanto pessoa humana, sendo esta essencial para sua realização pessoal, um vez que a formação técnica, por si só, não pode lhes proporcionar.

Defendemos uma universidade como espaço de excelência tecnológica, mas, sobretudo como espaço de excelência humana, uma vez que esta instituição representa o principal veículo de promoção do progresso cultural brasileiro.

Rubem Alves (2000) faz-nos reconhecer que proporcionar a formação humana dos estudantes deve ser o compromisso maior da universidade, nenhum argumento ou ideia mercadológica deve ser mais forte que este. Explorar as potencialidades oníricas dos indivíduos é o papel mais nobre e fidedigno que a educação pode assumir; esquivar-se deste papel em favor de interesses econômicos configura-se, portanto em no mínimo uma irresponsabilidade, para não dizer crueldade, por parte do sistema educativo brasileiro.

## REFERÊNCIAS:

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 9ª ed. Campinas, SP. Papyrus, 2000.

BRITO, Leonardo Chagas de. **A ideologia da qualificação, trabalho e a ampliação do "mercado da educação superior"**. V COLOQUIO INTERNACIONAL MAX E ENGEL. Nov. 2007. São Paulo. Anais... São Paulo: UNICAMP, Disponível em: Acesso em: 27/jul/2012.

CARVALHO, Marcia Marques de. NUNES, Edson. Ensino universitário, corporação e profissão: paradoxos e dilemas brasileiros, in **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, nº 17, jan./jun. 2007, p. 190-215. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/soc/n17/a08n17.pdf> > Acesso em: 17/maio/2012.

ENGUITA, Mariano Fernández. **A face oculta da escola: Educação e Trabalho no Capitalismo**. trad. Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Arte Médica, 1989.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. **Universidade: a idéia e a história**. Estud. av. [online]. 2006, vol.20, n.56, pp. 191-202. ISSN 0103-4014. Disponível em: Acesso em: 08/ag/2012

---

[1] Autora do artigo-graduanda do curso de pedagogia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: crislainescruz@gmail.com

[2] Coautora do artigo-graduanda do curso de pedagogia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: katiussiathebest@hotmail.com

[3] Eixo temático 7: Educação, Trabalho e Juventude